

ARTIGOS

O Romantismo alemão do século XIX legou-nos o conceito de *Reflexions-medium*, que designava a “qualidade da obra de arte de proporcionar o conhecimento crítico” (BENJAMIN, 1993, p. 56). Fiquei por muitos dias com esse termo na cabeça, desde que soubera do falecimento do professor Elvan Silva. Procurei na estante o lugar onde estavam seus livros, abri alguns para reler trechos assinalados; lembrei-me muito daquela figura imponente, algo rude, de pé à porta de sua casa na primeira vez em que o encontrei em Porto Alegre. Acabara de ler o seu **Matéria, idéia e forma** (SILVA, 1994), descoberto quase por acaso numa livraria universitária. Graças a um amigo comum, telefonei-lhe para saber onde conseguiria um outro título, **A forma e a fórmula** (SILVA, 1991), que nenhum livreiro localizava. Em dois minutos de conversa ele disse ao Cícero para passarmos em sua casa, pois tinha um volume. E lá estava ele, à porta, o livro na mão, direto e sem quaisquer mediações. Agradei, lendo rapidamente a dedicatória polida: “À colega Rita de Cássia, com meus cumprimentos. Seis de julho de 1996, Elvan”. Mais tarde conversaríamos por cartas, até que ele veio à PUC para uma aula magna. Mas, a essa altura, seus textos eram referência certa nas disciplinas de fundamentos e história dos cursos de arquitetura da cidade.

* Professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo da PUC Minas e da Universidade Fumec. Mestre e doutoranda em Filosofia pela UFMG.

¹ Consultor do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Comitê Assessor de Geografia Humana, Demografia, Planejamento Urbano e Regional e Arquitetura), representante de instituição de ensino do Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia. Membro do Conselho Editorial da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e consultor sem vínculo da Universidade Federal de Minas Gerais.

Todos aprendemos muito com o professor Elvan: quem o leu, quem o acompanhou nas visitas que fez a Belo Horizonte, quase sempre respondendo gentilmente a convites acadêmicos, quem dividiu com ele longos almoços. Todos pudemos discordar dos seus tradicionalismos, saudar sua atividade militante nos órgãos representativos da profissão¹ ou criticar um ou outro aspecto de seu pensamento, mas era disto que se tratava: alguém pensando arquitetura, com seus próprios princípios fortemente defendidos.

Seus textos demarcam um terreno importante na teoria brasileira de arquitetura, pois, num misto de hermenêutica e história, são realização consistente de crítica de arquitetura. Vale integralmente ali – e ainda hoje – o que os românticos, no distante mundo oitocentista europeu, afirmavam: toda crítica inclui o conhecimento de seu objeto e exige uma caracterização da teoria do conhecimento do objeto que está em sua base. No esforço do conceito a construir-se nos textos, o professor Elvan colocava a arquitetura como *medium* de reflexão, não apenas das atividades envolvidas na geração do ambiente construído, mas sobretudo dos novos temas que se propagaram à cultura arquitetônica com o desenvolvimento do capitalismo e que estão, paradoxalmente, “aquém e além da arquitetura” (TAFURI, 1968, p. 10).

No núcleo de **Matéria, idéia e forma** há uma definição de arquitetura que demonstra exatamente a preocupação do autor em remeter estudantes, arquitetos e professores ao mundo da práxis:

Arquitetura é a manifestação cultural materializada na modificação intencional do ambiente, para adequá-lo ao uso humano, através da produção de formas concretas habitáveis imóveis. A concretitude das formas arquitetônicas é tão óbvia que não deveria suscitar discussão. No entanto, alguns raciocínios negligenciam este aspecto, e outros sobre ele tergiversam, ignorando a especificidade existencial dessas formas. (SILVA, 1994, p. 91)
 Afirmamos e reafirmamos que a primeira evidência ontológica deste fenômeno é sua condição de produto da cultura, (...) no âmbito da ação coletiva. (SILVA, 1994, p. 101)

Das ciências sociais ele trouxe à sua teoria os elementos de uma hermenêutica: “A arquitetura desempenha um papel hermenêutico, na medida em que age como interpretação de contextos históricos e socioculturais” (SILVA, 1994, p. 149). Elvan Silva entendia – em concepções herdadas de Gadamer e Boudon, mas também de Giulio Carlo Argan – que o projeto de arquitetura, de muitos modos, age como interpretação do mundo, e o que o arquiteto realiza é um “ato de descrição da sociedade” – o que ele comparava à atitude do historiador, no que tange à escolha de um objeto e ao tratamento que lhe é dado.

Entretanto, o que se verifica, terminada a leitura de dois de seus últimos ensaios (SILVA, 2000; 2002), é que a cada dia se aproximava mais da formu-

lação definitiva em matéria que o preocupava desde o início de sua carreira docente: dar ao texto da crítica o estofado de uma teoria do conhecimento arquitetônico. Talvez por isso tenha me lembrado tanto do termo dos românticos de Jena: para eles, toda crítica era um modo transformador de refletir sobre uma forma, e a teoria do conhecimento de um objeto é sempre determinada pelo esforço de descobrir o significado do conceito de reflexão para o próprio objeto (BENJAMIN, 1993, p. 61).

Intelectual e mestre de enorme valor, cuja produção nunca cessou até o fim de sua vida, em tarefas de orientação de alunos, aulas e palestras, o professor Elvan fará imensa falta às gerações de arquitetos que com ele conviveram. Para as gerações que virão, espero que saibam desfrutar dos seus ensinamentos, contidos em valiosos textos que as aguardam nas bibliotecas de nossas escolas.

Referências

BENJAMIN, Walter. **O conceito de crítica de arte no romantismo alemão**. São Paulo: Iluminuras, 1993.

SILVA, Elvan. **Matéria, idéia e forma: uma definição de arquitetura**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1994.

SILVA, Elvan. **A forma e a fórmula**. Cultura, ideologia e projeto na arquitetura da Renascença. Porto Alegre: Sagra, 1991.

SILVA, Elvan. **O imaginário do ofício na arquitetura: origem e desenvolvimento da auto-imagem de uma profissão**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.

SILVA, Elvan. **Fundamentos teóricos da crítica arquitetônica**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

TAFURI, M. **Projeto e utopia**. Lisboa: Presença, 1968.

Endereço para correspondência
RITA DE CÁSSIA LUCENA VELLOSO
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
Av. Dom José Gaspar, 500 – Prédio 17
30535-901 – Belo Horizonte – MG
e-mail: ritavelloso@gmail.com